

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: PERSPECTIVA TÉCNICA E INSTRUMENTAL E IMPLICAÇÕES SOBRE A DOCÊNCIA A PARTIR DOS PAINÉIS DOS ENDIPEs (2006-2016)

Regina Celia de Moraes Alves Silva ¹
Maria Cláudia Dal'Igna ²

RESUMO

O presente trabalho objetiva identificar e analisar, nos painéis dos ENDIPEs, os sentidos de estágio associados à perspectiva técnica e instrumental para então analisar as implicações desses sentidos para a constituição da docência. A pesquisa compõe um processo mais amplo de investigação trazendo contribuição para o desenvolvimento de uma pesquisa vinculada ao curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale dos Sinos-UNISINOS, que tem movimentado estudos e pesquisas com interesse pela formação docente. Trata-se de uma Análise Documental com abordagem qualitativa, tendo como cenário os painéis do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – ENDIPE no período de 2006 a 2016. Após o estudo do material, o mesmo foi organizado destacando sentidos que tratam do estágio numa perspectiva técnica e instrumental, sendo em seguida analisados utilizando como ferramental os conceitos de discurso e verdade numa perspectiva pós-estruturalista. Após a análise foi possível perceber que a dimensão técnica e instrumental não é algo natural, possui na base de sua sustentação a operacionalização de redes discursivas e reguladoras inerentes a determinado campo, tornando exprimível e visível determinados sentidos de estágio. Desta perspectiva se constitui o professor técnico, que será tão bom quanto mais eficientemente dominar as técnicas, não porque este é o ideário, mas porque os regimes de verdade o produziram.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Formação docente, Constituição da Docência, ENDIPE.

INTRODUÇÃO

A pesquisa voltada à formação de professores tem alcançado destaque no campo educacional, onde um dos principais focos de investigação tem sido o Estágio Supervisionado nos cursos de licenciatura. No Brasil, ao longo da história, o Estágio Supervisionado foi assumindo diferentes contornos indo de um ponto onde era identificado e confundido com Prática de Ensino (PIMENTA; LIMA, 2012) até se firmar como componente curricular. Nessa trajetória recebeu diferentes sentidos que trouxeram implicações sobre a constituição da docência.

Para pensar sobre essa temática eu assumia/assumo dois lugares: professora de Estágio Supervisionado em uma instituição de Ensino Superior e Coordenadora Pedagógica em uma escola de Educação Básica. Como professora que supervisiona estagiários e estagiárias,

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, regina.alves@ifma.edu.br.

² Professora orientadora: Doutora, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, mcdaligna@hotmail.com.
(83) 3322.3222

observava que eles/elas mostravam-se angustiados e inseguros diante dos desafios de uma sala de aula, das exigências do estágio e da docência e da expectativa do que poderiam/deveriam desenvolver. Passou a me inquietar a produção de sentidos sobre estágio e suas implicações sobre a compreensão e constituição da docência. Enquanto coordenadora, também percebi o quanto universidade e escola estão distantes, parece não existir uma base sobre a qual possa haver diálogo para a elaboração de um projeto de formação que poderíamos/deveríamos desenvolver. O estágio mais parecia/parece um cumprimento de obrigações. Cada profissional trabalha a seu modo e isso é inquietante, especialmente quando penso nos efeitos destes distanciamentos no processo de formação e atuação dos futuros professores e nos sentidos de estágio e docência que estão operando nas instituições formadoras.

Desse modo, a temática Estágio Supervisionado passa a ser objeto de pesquisa de mestrado desenvolvido no curso de Pós-Graduação em Educação na Universidade Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, sob orientação da professora Dra. Maria Cláudia Dal’Igna que há algum tempo vem se dedicando a pesquisar sobre diferentes elementos que envolvem a formação docente, e as implicações dos sentidos de Estágio Supervisionado na formação do futuro professor fazem parte desse universo.

Para inicialmente falar no sentido de estágio lembro Selma Pimenta e Socorro Lima (2012) que apontam para as marcas de uma compreensão técnica e instrumental, que limita o estágio ao fazer prático e à imitação de modelos nos cursos de formação docente, parece que essa compreensão de estágio ainda perpassa os cursos de formação. Assim é importante compreender o tipo de docência produzida a partir dessa compreensão.

Antes penso que para olhar o Estágio Supervisionado como campo de formação docente com o rigor e a sensibilidade necessárias é preciso investigar, e ver com cuidado, o que tem sido dito e, isso aprendi assumindo a posição de pesquisadora no curso de Mestrado.

Assim, a pesquisa tem como cenário o Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – ENDIPE. Trata-se de um encontro bianual que envolve diferentes instituições reunindo pesquisadores, de diversas partes do país e do exterior, no intuito de promover o debate a partir de pesquisas e estudos que envolvem várias áreas do campo educacional que debruçam o olhar sobre a formação de professores e abordam temas como o Estágio Supervisionado, representando um rico acervo bibliográfico.

Diante do exposto os seguintes questionamentos constituem-se no problema nesse trabalho de investigação: que sentidos de estágio aparecem associados à perspectiva técnica e

instrumental nos textos dos painéis dos ENDIPES no período de 2006 a 2016? Que tipo de estágio e docência são produzidos a partir de tais perspectivas?

Tendo em vista os questionamentos apresentados a pesquisa objetiva: Identificar e analisar, nos painéis dos ENDIPES, os sentidos de estágio associados à perspectiva técnica e instrumental para então analisar as implicações desses sentidos para a constituição da docência.

Para tanto foi realizada uma pesquisa documental a partir das produções dos ENDIPES, visto que ele aponta para um conjunto de produções originárias de estudos de diferentes pesquisadores, o que traz relevância à pesquisa, pois, além de possibilitar e instigar novos debates sobre a temática em questão, contribui para dar visibilidade a um conjunto de experiência que são vividas, pensadas, analisadas e escritas no meio acadêmico e que constitui o espaço dos ENDIPES.

Com o movimento analítico foi possível identificar que o estágio, na perspectiva da racionalidade técnica, assume uma dimensão instrumental que o reduz à observação de aula, elaboração de relatórios e práticas burocratizadas. Neste contexto a prática é tida como reprodução de modelos e operacionalização de técnicas, que permite alcançar soluções. Busco mostrar que esta dimensão instrumental não é algo natural, possui na base de sua sustentação a operacionalização de redes discursivas e reguladoras inerentes a determinado campo, tornando exprimível e visível determinados sentidos de estágio. Desta perspectiva se constitui o professor técnico, que será tão bom quanto mais eficientemente dominar as técnicas, não porque este é o ideário, mas porque os regimes de verdade o produziram.

METODOLOGIA

O primeiro passo do percurso metodológico foi escolher a maneira de olhar para a temática diante do qual me propus a fazer uma análise inspirada nos estudos pós-estruturalistas para tentar ver, de outra maneira, aquilo que já está posto como verdade.

A pesquisa escolhida nessa investigação se insere nos parâmetros da pesquisa documental. Este tipo de análise envolve o uso de documentos, tal uso em processos investigativos deve ser valorizado (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009), pois eles permitem, ente outras coisas, organizar um rico conjunto de informações para contextualizar o objeto analisado. Por vezes, o documento se constitui o “único testemunho de atividades” ocorridas num período mais recente. (CELLARD, 2008, p. 295).

Procurando os painéis dos ENDIPEs, foi realizada uma busca pelos artigos das edições do período de 2006 a 2016, já que esse foi um período em que diferentes instrumentos legais reportaram-se ao estágio como a Resolução CNE/CP nº 1 de 2006, a Lei nº 11.788 de 2008, e a Resolução CNE/CP nº 02 de 2015. Foi um trabalho árduo, pois a plataforma do evento mudou ao longo do período analisado e a própria estrutura dos painéis apresentou alterações. Observei que ao longo das edições, os conceitos de painel são bem próximos, porém, alguns deixam mais evidente que o painel constitui-se de três pesquisas diferentes desenvolvidas por diferentes pesquisadores. Para a análise dos materiais, foram utilizados alguns conceitos foucaultianos, tais como: discurso e verdade, para argumentar que aquilo que diz sobre estágio e a constituição da docência não é algo dado, mas sim construído.

O corpus empírico foi composto por 131 artigos apresentados em painéis dos ENDIPEs, no período de 2006 a 2016, foram selecionados os que continham no título o termo “estágio” e cuja pesquisa se referia a cursos de licenciatura. Após a leitura, nos artigos, dos resumos e dos trechos que apresentavam sentidos de estágio foi organizada uma tabela contendo o sentido de estágio numa perspectiva técnica instrumental, pela brevidade do texto a tabela é resumida, contudo permite uma representação dos sentidos em diferentes edições do ENDIPE. Com a análise desenvolvida foi possível perceber o tipo de docência a partir de então produzida.

DESENVOLVIMENTO

O Estágio Supervisionado tem sido foco de diferentes estudos e pesquisas. Em diferentes medidas, uma abundância de discursos lançam críticas sobre o processo de formação de professores, vivido no espaço do estágio, trazendo pontos para serem problematizados, trabalhados e superados. Nesse processo o estágio sofre implicações do contexto histórico e de instrumentos legais.

Assim é pertinente fazer um breve comentário sobre o contexto no qual se desenvolveram as pesquisas em torno do estágio no início dos anos 2000, o que inclui o ano de 2006, início do recorte temporal selecionado para este trabalho. Aquele era um momento no qual a formação de professores havia se tornado um dos focos das normas oficiais e diretrizes foram estabelecidas apontando um ponto de referência desta formação. Um dos pontos mais discutidos era a reestruturação dos cursos de formação docente.

A propagação de novas perspectivas formativas para os professores e sua ressonância nas diretrizes oficiais, fortaleceu a discussão em torno da prática na formação profissional e mostrou novos aspectos que compunham as dificuldades dos cursos de licenciatura. Diante deste quadro apresentado, vale ressaltar que a dimensão prática passou a ser discutida “sob os

enfoques de ‘prática como componente curricular’ e estágio supervisionado, conforme define a Resolução CNE/CP 1/2002” (GUIMARÃES; ROSA, 2006, p. 2).

De outra frente, os desafios trazidos pela Resolução CNE/CP 2/2002, que, dentre outras coisas, trata da carga horária do Estágio Supervisionado foram elementos que também fizeram parte do contexto que recebeu novos questionamentos e pesquisas sobre estágio. A este respeito Socorro Lucena Lima (2010, p. 26) afirma:

Nos cursos de formação de professores a obrigatoriedade de Estágio Supervisionado tem se constituído um verdadeiro desafio para as coordenações e para os professores formadores por conta do considerável aumento da carga horária, trazida pelo CNE/CP 2/2002, de fevereiro de 2002.

Desde então, temos acompanhado as dificuldades dos professores e coordenadores dos cursos de licenciatura em encampar as recomendações da citada legislação, e entender o novo significado atribuído à prática pedagógica diante da necessidade de fazer a junção da reflexão e discussão do que acontece na escola e em sala de aula com o conteúdo específico a ser trabalhado.

Este momento aponta para novas concepções e aspirações, em torno da formação docente, traz questionamentos que instigam a pensar em quem seria o professor de Prática e de Estágio e quais os efeitos destas alterações estabelecidas legalmente sobre a prática docente deste profissional.

Mais tarde, na primeira década dos anos 2000, o Estágio Supervisionado ao ser regulamentado pela lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 passa a ser definido como “ato educativo” e compreendido como um importante momento para o estudante de licenciatura, promovendo aprendizado de competências necessárias ao desempenho profissional. A nova configuração reforça o estágio enquanto componente curricular obrigatório, devendo constar no Projeto Político Pedagógico (PPP) e cuja carga horária é condição para aprovação e obtenção de diploma, o que contribui para tornar tão importante a realização deste componente no currículo dos cursos de licenciatura.

Esse cenário que envolve instrumentos legais nos oferece uma visão do espaço do estágio enquanto componente curricular, embora isso tenha sua importância, não é o suficiente para dizer dos sentidos que o estágio assume nos cursos e pesquisas voltadas à formação docente nem dizer do tipo de docência a partir de então produzida. Para olhar aquilo que se diz sobre o estágio foi necessário algumas ferramentas, assim foram utilizados os conceitos: discursos e verdade. Tais conceitos permitiram compreender que o sentido que se atribui ao estágio está imbricado de recursos discursivos, que ao tornar enunciáveis as verdades produzidas pelos discursos, apontam para práticas que constituem a docência de determinada maneira. Para explicar como são tomados os conceitos de verdade e discurso seguem algumas considerações.

A verdade é deste plano, deste mundo, não foi produzida fora dele. “É preciso devolver à verdade sua posição enquanto algo simples e estratégico que é produzido pela sociedade através dos discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros”. (CARVALHO, 2011, p. 81). Assim, o discurso é entendido, neste trabalho, a partir das contribuições foucaultianas: como produtor de verdades. Ele “não é uma forma ideal e intemporal, que teria além do mais uma história”. (FOUCAULT, 2008, p. 132).

Desta maneira, os discursos produzidos são entendidos como prática que organizam a realidade costurando o que se diz com o que se vê; não é um reflexo da realidade mas constituinte dela, formando os sujeitos e os objetos dos quais se ocupa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo investigativo, que tem como campo empírico os painéis dos ENDIPEs, considero que as falas que remetem aos sentidos selecionados para a análise não resultam de uma elaboração individual, mas se inserem em contexto amplo de regras construídas em um contexto histórico subordinado ao um regime de verdades que tornam tais regras visíveis e necessárias.

Ao realizar um estudo, a partir dos painéis dos ENDIPEs, argumento que a maneira como o estágio tem sido tomado cria condições para o desenvolvimento de determinadas práticas que operam nos cursos de formação e fazem parte da constituição da docência.

Nesse tópico trago alguns excertos tomando-os como discursos que instituem modos de como o estágio supervisionado numa, perspectiva técnica, é entendido e desenvolvido para formar professores/professoras e constituir a docência. Na tabela que segue constam excertos retirados dos artigos dos painéis dos ENDIPEs e seus respectivos autores, página e ano de publicação.

Tabela 1 – Sentidos de estágio

Autor	Sentidos de estágio
Fonte: SOUSA, Elizeu Clementino, 2006, p. 3, grifo nosso.	[...] estágio como o espaço consagrado à aplicação descontextualizada e prescritiva de processos de ensino.
Fonte: LEITE, Yoshie Ussami Ferrari Santiago, 2008, p. 756, grifo nosso.	[...] Reduz-se à observação de professores em aula, sem envolver uma análise crítica.

Fonte: FERREIRA, Solange Santiago, 2010, p. 16, grifo nosso.

[...] visão conservadora de estágio que limitavam a proposta a **momentos estanques de observação e de prática**[...].As aulas eram programadas sem conexão com a realidade observada, além das práticas **burocráticas se constituírem a tônica do estágio**.

Fonte: LIMA, Gercilene Oliveira de; NASCIMENTO, Ana Maria do, 2014, p. 4-5, grifo nosso.

[...] é tomado como **atividades meramente burocráticas, rotineiras, em que a teoria e prática são vistas de forma dicotomizada**.

Fonte: SOUSA, Angelita de Fátima et al, 2016, p. 4.084, grifo nosso.

Entretanto, de acordo a autora a prática de estágio têm fugido a esses momentos de aprendizagem para **situações de técnicas e organização de materiais, preenchimentos de documentos administrativos e apenas observação das aulas** [...].

Fonte: elaborado pela autora

Com uma leitura atenta é possível observar que, nos sentidos postos em forma de excertos, o estágio aparece como um conjunto de técnicas. Assim, associado a uma racionalidade técnica aponta elementos que fazem parte da constituição desta racionalidade como: observação de aulas, práticas estanques e burocráticas, organização de material e preenchimento de documentos, além disto, apontam para a ausência de análise crítica fundamentada, se apresentando o estágio “como o espaço consagrado à aplicação descontextualizada e prescritiva de processos de ensino”. (SOUSA, 2006, p. 3).

O estágio atrelado aos sentidos apresentados na tabela se adequa a uma perspectiva de prática por “imitação de modelos” em que se valorizam “as práticas e os instrumentos consagrados tradicionalmente como modelos eficientes”. (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 35). As autoras esclarecem que:

O estágio então, nessa perspectiva, reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos sem proceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimamente na realidade social em que o ensino se processa. (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 35).

Esta forma de conceber tanto o estágio quanto a prática terá implicações na formação docente e na constituição da docência: a primeira consistirá na observação e reprodução da prática considerada modelo e a segunda estará atrelada a uma concepção de professor que segundo Pimenta e Lima (2012, p. 36) “não valoriza sua formação intelectual, reduzindo a atividade docente apenas a um fazer que será bem-sucedido quanto mais se aproximar dos modelos observados”.

O estágio como a hora da prática, reduzido às técnicas, “ao desenvolvimento de habilidades específicas do manejo de classe, ao preenchimento de fichas de observação [...]” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 37), coaduna com a perspectiva de prática “como instrumentalização técnica”. Nesta perspectiva, segundo Pimenta e Lima (2012), os cursos de formação estarão trabalhando o aspecto prático ao possibilitar o treinamento de certas habilidades consideradas necessárias ao desempenho da docência e, ainda, desta visão técnica do estágio provém um distanciamento entre o que propõem os cursos de formação e o real cenário onde se processa o ensino, ficando o professor reduzido ao “prático”. (PIMENTA; LIMA, 2012).

Angel Pérez-Gomes (1992) esclarece que o modelo da racionalidade técnica está relacionado a uma atividade profissional tida como instrumental, em que o professor deve aplicar, eficazmente, um conjunto de técnicas. Raimundo Dutra de Araújo (2015, p. 28) destaca, em sua pesquisa de dissertação, que neste modelo a prática profissional “consiste em modos de solução instrumental”. Para Contreras (2002) o termo instrumental é devido a concretização de procedimentos objetivando alcançar os resultados que se deseja.

Se o foco é alcançar soluções, Pimenta e Lima (2012, p. 37), alertam destacando que “as habilidades não são suficientes para a resolução dos problemas com as quais se defrontam, uma vez que a redução às técnicas não dá conta do conhecimento científico nem da complexidade das situações do exercício desses profissionais”. O estágio, assumido nos cursos de formação de professores, enquanto um conjunto de técnicas que pela via do instrumental alcança resultados constitui um discurso que produziu isto como verdade. Esta dimensão instrumental, de um modelo tecnicista, não é uma coisa dada, se mantém pela operacionalização de redes discursivas e reguladoras pertencentes a determinado ramo do conhecimento, que legitimadas pela própria produção científica admitem e sustentam práticas de sala de aula inspiradas nos princípios da racionalidade e da produtividade e funcionam como instância que diz o que é verdadeiro. Assim, o professor pode ser posicionado como um técnico, não porque esse é o ideário, mas porque certos regimes de verdade assim o constituíram.

A compreensão de que um modelo tecnicista de estágio possui, na base de sua manutenção, a operacionalização de algumas redes discursivas, e determinadas teorias, é fortalecida pelo pensamento foucaultiano de que o discurso “[...] está ligado não apenas a situações que o provocam e à consequências por eles ocasionadas, mas ao mesmo tempo e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e os seguem”.

(FOUCAULT, 2008, p. 32). Assim, significados situados em outros estudos ou teorias operam para tornam enunciáveis e explicáveis determinados sentidos de estágio.

O estágio enquanto conjunto de técnicas estará contribuindo para a constituição de uma docência que não foi pensada a partir da multiplicidade e da complexidade do exercício da profissão. Nesta linha de raciocínio Maurice Tardif (2006) comenta que na esteira da racionalidade técnica a formação de professores foi ancorada numa produção de conhecimento ocorrida em dissonância das práticas ocorridas no âmbito social, econômico e cultural, sendo os professores apenas transmissores dos saberes que não foram construídos por eles, o que também contribui para diferenciar os professores dos pesquisadores.

Mas, tomando como base o pensamento foucaultiano de que não existe uma verdade a priori, aquilo que os sujeitos estagiário/futuros professores pensam ter acesso são verdades produzidas o que inclui o modelo (im)posto de formação e o modelo de docência por ele produzido. Assim, os rituais do estágio, a reprodução de modelos, “o estágio como o espaço consagrado à aplicação descontextualizada e prescritiva de processos de ensino” mencionado por Sousa (2006, p. 3), dentre outros, se constituem práticas, e pensando com Fischer (2003, p. 376) digo que “essas práticas de algum modo objetivam, no sentido de que enclausuram, limitam sentidos a respeito de alguma coisa ou alguém”, e, no caso desta pesquisa, limitam os sentidos de estágios e, conseqüentemente, da docência.

Desse modo a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, entendemos que não há uma essência na condição de ser professora, mas construções invenções de verdade sobre corpos que são educados para educar. Portanto, somos professores desse ou daquele jeito porque fomos ensinados pelos cursos que frequentamos, pelos discursos da mídia, pelos livros que lemos, pelas experiências que temos e não simplesmente, porque esse é o nosso “dom”. (BARBOSA; CARVALHO, 2018, p. 2).

Pimenta e Lima (2012, p. 41) ajudam a compreender que o sentido de estágio reduzido a uma perspectiva prática, instrumental, acaba por expor certos problemas da formação como a conhecida dissociação entre teoria e prática, e esta dissociação, conforme as autoras “resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas”, o que aponta a necessidade de entender o estágio como atividade teórica e prática. O excerto a seguir apontam para esta problemática.

Quando perguntados sobre as dificuldades enfrentadas pelos estagiários recebidos nas escolas, a maior parte dos professores aponta que um dos maiores problemas é a falta de articulação entre **teoria e prática**.

Fonte: SOUSA, Suzani Cassiani et al, 2006, p. 9.

[...] apontamos à necessidade de repensar as disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado no curso de Pedagogia do PARFOR, com vistas a ressignificação dos saberes docentes, considerando que este muitas vezes é tomado como atividades meramente burocráticas, rotineiras, em que a **teoria e prática** são vistas de forma dicotomizada.

Fonte: LIMA, Gercilene Oliveira de; NASCIMENTO, Ana Maria do, 2014, p. 4

Os artigos selecionados, onde é mencionado o estágio a partir da racionalidade técnica e instrumental, apontam para a necessidade de repensar a disciplina de Estágio Supervisionado como posto no excerto de Lima e Nascimento (2014), o que contribuirá para novas compreensões e para o rompimento da velha dicotomia teoria e prática inerente ao paradigma da racionalidade técnica para então pensar o estágio enquanto espaço de construção do conhecimento, aprendizagem da profissão docente e como dizem Pimenta e Lima (2012) como formação contínua que suscita questionamentos e investigações sendo espaço também para a constituição da identidade docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, que tem como material analítico os artigos dos painéis dos ENDIPEs, procurei identificar e analisar o que dizem os painéis dos ENDIPEs sobre o estágio numa perspectiva técnica e instrumental para, posteriormente analisar as implicações desse sentido para a constituição da docência.

Partindo deste objetivo foi possível mostrar o estágio, enquanto conjunto de técnicas, associando-o à racionalidade técnica. O movimento analítico possibilitou identificar que o estágio, na perspectiva da racionalidade técnica, assume uma dimensão instrumental que o reduz à observação de aula, elaboração de relatórios, práticas burocratizadas. Neste contexto a prática é tida como reprodução de modelos e operacionalização de técnicas, que permite alcançar soluções.

Esta dimensão instrumental não é algo natural, possui na base de sua sustentação a operacionalização de redes discursivas e reguladoras inerentes a determinado campo, tornando exprimível e visível determinados sentidos de estágio. Desta perspectiva se constitui o professor técnico, que será tão bom quanto mais eficientemente dominar as técnicas, não porque este é o ideário, mas porque os regimes de verdade o produziram.

Compreendo que a pesquisa contribui com o campo das discussões sobre estágio e constituição da docência trazendo elementos para pensá-la como não constituída em si mesma,

pronta para revelar uma realidade/verdade a ser descoberta, mas como uma verdade produzida, apontando que o desmanche da verdade e da identidade docente pode possibilitar outros modos de existência da docência, analisando as práticas que nos constituem para sermos habitados por outras tramas.

A pesquisa não encerra a temática mas, abre possibilidades para novas investigações que possam, a partir do cenário apresentado, analisar outros sentidos de estágio que são vistos, criticados, e/ou produzidos por professores e pesquisadores de diferentes instituições problematizando as verdades produzidas que concorrem para a constituição da docência.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.788** de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11788.htm. Acesso em 31 de julho de 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 01/2002**, aprovada em 18 de fevereiro de 2002.
- _____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 02/2002**, aprovada em 18 de fevereiro de 2002.
- CARVALHO, Rodrigo Saballa. **A invenção do pedagogo generalista**: problematizando discursos implicados no governo de professores em formação. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação e Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CONTRERAS, J. A autonomia ilusória: o professor como profissional técnico. In: CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 88-104.
- FERREIRA, Solange Santiago, 2010. A ação pedagoga do NEST (Núcleo de Estágio da Fundação Municipal de Educação de Niterói) e o acolhimento de estagiários das universidades: diálogos. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010, p. 15-24.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 371-389, jul./dez. 2003.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GUIMARÃES, Valter Soares; ROSA, Dalva E. Gonçalves. A prática e os estágios curriculares nos cursos de licenciatura. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. **Anais...** Recife: UFPE, 2006, p. 1-11.
- LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. A construção dos saberes docentes nas atividades de estágio nos cursos de licenciatura. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. **Anais...** Porto Alegre: PUC, 2008, p. 747-765.
- LIMA, Gercilene Oliveira de; NASCIMENTO, Ana Maria do. Estágio curricular supervisionado no curso de Pedagogia/PARFOR da URCA: ressignificação dos saberes docentes. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. **Anais...** Fortaleza: UECE, 2014, p. 02194-02204.

- LIMA, Maria Socorro Lucena. O que é estágio com pesquisa? As ousadias e desafios de ensinar e aprender a ser professor pesquisador. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010, p. 25-36.
- PÉREZ-GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 94-114.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n. 1, jul. 2009.
- SOUSA, Elizeu Clementino. Viver, narrar e refletir: história de vida, estágio supervisionado e formação docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. **Anais...** Recife: UFPE, 2006, p. 1-12.
- SOUSA, Suzani Cassiani et al. Estudos sobre as possibilidades e limites dos estágios curriculares na formação de professores de Biologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. **Anais...** Recife: UFPE, 2006, p. 1-14.
- SOUZA, Angelita de Fátima; RODRIGUES, Vânia Cristina da Silva; COSTA, Váldina Gonçalves. Formação de professores de matemática: olhar reflexivo expresso nos cadernos de expedição do estágio supervisionado. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. **Anais...** Cuiabá: UFMT, 2016, p. 4057-4069.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.